



Diálogos

ISSN 2177-2940



Loucura como doença, estigmatização e literatura: uma análise da produção intelectual em instituições psiquiátricas – Maura Lopes Cançado, Stela do Patrocínio e Albertina Borges da Rocha.

<https://doi.org/10.4025/dialogos.v25i2.60409>

Renato da Silva

<https://orcid.org/0000-0002-2469-0160>

Universidade do Grande Rio, Duque de Caxias - RJ, Brasil. E-mail: redslv@unigranrio.edu.br

Daniele Ribeiro Fortuna

<https://orcid.org/0000-0001-8739-7271>

Universidade do Grande Rio, Duque de Caxias - RJ, Brasil. E-mail: daniel.fortuna@unigranrio.edu.br

Rosane Cristina de Oliveira

<https://orcid.org/0000-0003-1286-5792>

Universidade do Grande Rio, Duque de Caxias - RJ, Brasil. E-mail: rosanecrj@hotmail.com

Madness as a disease, stigmatization and literature: an analysis of intellectual production in psychiatric institutions – Maura Lopes Cançado, Stela do Patrocínio and Albertina Borges da Rocha.

Abstract: In historical processes, madness was observed as divine punishment, inappropriate behavior or illness. In this study, we present an analysis intertwining madness in the field of stigma, disease and intellectual production born from within psychiatric institutions, written by those who, due to a diagnosis, faced abjection. Theoretically, discussions about madness and stigma are based especially on Michel Foucault (1978) and Erving Goffman (1974). From the point of view of methods, the study is based on bibliographical research and analysis of the diaries of Maura Lopes Cançado, Stela do Patrocínio and Albertina Borges da Rocha, highlighting, in their narratives, the approximations and distances regarding the experiences in psychiatric institutions.

Key words: Madness, Illness, Literature, Stigma.

La locura como enfermedad, estigmatización y literatura: un análisis de la producción intelectual en las instituciones psiquiátricas - Maura Lopes Cançado, Stela do Patrocínio y Albertina Borges da Rocha.

Resumen: En los procesos históricos, la locura se observó como castigo divino, conducta inapropiada o enfermedad. En este estudio, presentamos un análisis entrelazando la locura en el campo del estigma, la enfermedad y la producción intelectual desde dentro de las instituciones psiquiátricas, escrito por quienes, por un diagnóstico, enfrentaron la abyección. En teoría, las discusiones sobre la locura y el estigma se basan especialmente en Michel Foucault (1978) y Erving Goffman (1974). Desde el punto de vista de los métodos, el estudio se basa en la investigación bibliográfica y el análisis de los diarios de Maura Lopes Cançado, Stela do Patrocínio y Albertina Borges da Rocha, destacando, en sus narrativas, las aproximaciones y distancias en torno a las vivencias en los trastornos psiquiátricos de las instituciones.

Palabras clave: Locura, enfermedad, literatura, estigma.

Loucura como doença, estigmatização e literatura: uma análise da produção intelectual em instituições psiquiátricas – Maura Lopes Cançado, Stela do Patrocínio e Albertina Borges da Rocha.

Resumo: Nos processos históricos, a loucura foi observada como castigo divino, comportamento inadequado ou doença. Neste estudo, apresentamos uma análise entrelaçando a loucura no campo do estigma, da doença e a produção intelectual nascidas de dentro das instituições psiquiátricas, escritas por aqueles que, em função de um diagnóstico, enfrentaram a abjeção. Teoricamente, as discussões sobre loucura e estigma pautam-se especialmente em Michel Foucault (1978) e Erving Goffman (1974). Do ponto de vista

dos métodos, o estudo alicerça-se em pesquisa bibliográfica e análise dos diários de Maura Lopes Cançado, Stela do Patrocínio e Albertina Borges da Rocha, destacando, em suas narrativas, as aproximações e distanciamentos no que concerne às vivências nas instituições psiquiátricas.

Palavras-chave: Loucura, doença, literatura, estigma.

Recebido em: 02/08/2021

Aprovado em: 19/10/2021

Considerações iniciais

A palavra loucura tem um peso negativo. Refere-se à qualidade do louco, aquele que está desprovido de razão, acometido de um distúrbio mental, que pode impedi-lo de conviver em sociedade. Além de insensato, o louco pode ser considerado extravagante, imprudente, incapaz de agir, pensar ou sentir como uma pessoa “normal”.

Mas o que é, de fato, ser louco, no sentido médico do termo? Como pensam, sentem e agem pessoas que viveram a experiência de não apenas ser diagnosticada como doente mental, mas também passaram por internações em instituições psiquiátricas?

Por meio da análise de textos de três escritoras que foram internadas em manicômios, este artigo pretende responder essas questões. Maura Lopes Cançado, Stela do Patrocínio e Albertina Borges da Rocha estiveram internadas em hospícios por longos períodos. Em seus textos, revelam os sofrimentos, angústias, preconceitos e todo tipo de arbitrariedade que tiveram que enfrentar. Sem poder sobre os próprios corpos, eram constantemente medicadas, tendo sua voz silenciada.

Mesmo assim, em meio ao torpor e à apatia, manifestaram-se através de seus textos, que trazem também a questão do estigma e da vida dentro do hospício. Nesse sentido, para entendermos de que forma a loucura se apresentou na vida de Maura Lopes Cançado, Stela do Patrocínio e Albertina Borges da Rocha, apresentamos uma breve biografia das escritoras. Posteriormente, abordamos suas obras, para, finalmente, nos dedicarmos à análise do *corpus* selecionado.

Antes de abordar tais textos, entretanto, é necessário entender como surgiu o conceito de loucura e suas mudanças ao longo do tempo, bem como a instituição do hospício. Para tanto, baseamos nossa discussão principalmente nas de Michel Foucault (1978), George Ganguilhem (1995) e Erving Goffman (1974).

Sobre a Loucura, os Estigmas e as literaturas de dentro do hospício

O hospício é a morada dos desatinados, a casa de custódia dos espíritos selvagens e perigosos. Mas esse espaço, assim como o conceito da loucura, é produzido e transformado pelo tempo e pelas sociedades ocidentais. O filósofo francês Michael Foucault (1978), na sua análise sobre a loucura, apresenta primeiramente a questão como um conceito evolucionar, não no sentido progressivo ou acumulativo, e sim de transformação. Trabalha períodos históricos como a Idade Média, na qual o louco era identificado como um blasfemador, sofrendo efeitos de possessões

malignas. O louco medieval era um profano (FOUCAULT, 1978, p. 93). Na renascença, após um breve período de “liberdade sexual”, a loucura passou ser associada a “distúrbios” da sexualidade. A Época Moderna foi marcada pelo aparecimento de instituições normalizadoras da sociedade como família, casamento e casas internações, que retiram por completo o caráter profano da loucura para conceder uma identidade patológica que será sacralizada no discurso médico do século XIX.

Foucault (1978) analisa como o tempo e o espaço foram relacionados à loucura. O espaço passa a ser um meio de produção da loucura. Segundo o autor, no período denominado como Época Clássica, acreditava-se que a natureza tinha influência determinante na manifestação da insensatez. O ar, a atmosfera, o calor e o frio seriam responsáveis por alterações no indivíduo que conduziriam à loucura. Mas o meio também se transforma, de natural passa a ser artificial, um construto do homem social. As construções das instituições sociais e a normalização imposta demarcariam novas fronteiras psíquicas de normalidade e patologia mental (GANGUILHEM, 1995).

Quando o século XIX decidir fazer com que o homem desatinado passe para o hospital, e quando, ao mesmo tempo, fizer do internamento um ato terapêutico que visa curar um doente, fa-lo-á de um golpe de força que reduz a uma unidade confusa, mas para nós difícil de deslindar, esses temas diversos da alienação e esses múltiplos rostos, da loucura, aos quais o racionalismo clássico sempre havia permitido a possibilidade de aparecer. (FOUCAULT, 1978, P. 134).

Haveria, neste sentido, duas formas de identificação do louco, uma que isenta e tira a responsabilidade e a outra que culpa moralmente e exclui. O animal humano é negado e excluído, paradoxalmente mostrado como o mal do homem. A cultura terá seu papel na delimitação da loucura. Ela será responsável via socialmente e juridicamente pela produção dos insanos, os que seriam considerados “os não capazes de escolher”. (FOUCAULT, 1978, p.151)

Segundo Ganguillem (1995), a capacidade do homem em se adaptar às normas sociais é a condição existencial dele. Ou seja, quando o homem não consegue se flexibilizar, ele passa a ser considerado anormal. As normas e regras sociais sofreram um processo de complexidade a partir do século XIX, com o aperfeiçoamento científico das áreas do direito e da medicina. O Estado contará com instituições de seleção, classificação e repressão dos inimigos da ordem social, indivíduos que foram conduzidos à margem da sociedade. Os hospícios receberam apoio de um aparato policial para preencher muitos dos seus leitos (SILVA, 2013). O aparecimento do manicômio judiciário na passagem do século XIX para XX é um exemplo significativo das associações de instituições assistenciais e repressoras (CARRARA, 1988).

Na Era Clássica, a doença do espírito não era separada da sua essência. A loucura pertencia à desordem biológica e moral. No século XIX, a doença é da natureza do organismo, o desatino fará

parte do discurso da normalidade, num nível psicológico. Para Foucault (1978), o louco e a loucura eram perigosos e ameaçavam a ordem social. Os indivíduos resistentes ou descrentes das instituições normalizadoras eram criminosos. A transformação na sociedade burguesa produziu também o fortalecimento dos mecanismos de controle e coerção.

[...] Numa palavra, o medo da loucura, que no século XVIII era o temor das consequências de seu próprio devir, aos poucos se transforma no século XIX, a ponto de ser obsessão diante das contradições que, no entanto, são as únicas que podem assegurar a manutenção de suas estruturas; a loucura tornou-se a paradoxal condição da duração da ordem burguesa, da qual ela constitui, do lado de fora, no entanto, a ameaça mais imediata [...] (FOUCAULT, 1978, p. 376).

Os manicômios, instituições criadas no século XIX, tinham como características básicas o tratamento e diagnóstico da loucura através da clínica. Atrelada ao cientificismo, a pessoa considerada louca era submetida a observações, experimentos, prescrições. Em 1801, institucionalizou-se a psiquiatria como especialidade médica, baseada no Tratado Médico-Filosófico sobre Alienação Mental ou a Mania, elaborada pelo médico Philippe Pinel. Nesta publicação, Pinel propôs a observação de longa duração, rigorosa e sistemática das reações biológicas, mentais e sociais do paciente.

No prelúdio dos acessos, os doentes queixam-se de um aperto na região do estômago, de uma repugnância pelos alimentos, de uma constipação severa, de ardores nas entranhas que os fazem procurar bebidas refrescantes; agitações, vagas inquietudes, terrores, pânico, insônias. Pouco tempo depois a desordem e a perturbação de idéias são exteriorizadas por gestos insólitos, por singularidades na contenção e movimentos do corpo, que não podem deixar de surpreender profundamente um olhar observador. O alienado algumas vezes mantém a cabeça elevada e o olhar fixo no céu, ele fala em voz baixa, desloca-se e pára alternadamente, com um ar de admiração raciocinada, ou uma espécie de profundo recolhimento. Em outros alienados manifestam-se excessos inúteis de um humor jovial e gargalhadas incontroláveis. Algumas vezes, também, como se a natureza se satisfizesse com os contrastes, manifesta-se uma seriedade sombria, uma efusão de lágrimas sem causa conhecida, ou mesmo uma tristeza concentrada e angústias extremas. Em alguns casos, a vermelhidão quase súbita dos olhos, o olhar brilhante, o colorido da face, uma loquacidade exuberante, fazem pressentir a proximidade do acesso, e a necessidade urgente de uma reclusão rigorosa. Um alienado que fale de início com loquacidade, dê gargalhadas freqüentes e caia em seguida numa torrente de lágrimas; a experiência adverte para prontamente encerrá-lo, pois esses acessos são da maior violência, e ele irá transformar em pedaços tudo o que lhe cair nas mãos. Os acessos de devoção maníaca freqüentemente iniciam-se por visões de êxtases durante a noite. A mania por amor irrompe também algumas vezes com furor, após intervalos mais ou menos longos de razão e calma, por sonhos encantadores e por uma pretensa aparição do objeto amado, com traços de uma beleza radiante (PINEL, 1801, p. 117 e 118).

O longo trecho acima faz parte do Tratado, parte VI, “Sinais de precursores dos acessos de mania”, elaborado de acordo com as observações de Pinel. A observação, narrada pelo médico, traduz a complexidade de pensar a mania e, por conseguinte, adverte para os comportamentos que denotam ou não maior atenção e cuidados. Assim, o manicômio deixaria de ser um asilo, que abrigaria doentes invalidados pela loucura, e se tornaria um lugar de tratamento e cura. Entretanto, a visão organicista na prática psiquiátrica, advinda do cientificismo positivista do século XIX, levaria os médicos da época às práticas distantes daquelas idealizadas por Pinel. O manicômio retorna à condição de lugar de exclusão e estigmatização.

O estigma é comumente observado como o ato de prejudgamento, que marca e moldura o sujeito de acordo com os estereótipos que sociedade formula. O estigma está sempre direcionado por uma ou mais características negativas e, por este motivo, impede o sujeito de exercer sua personalidade. Para a pessoa estigmatizada, a sociedade lança uma gama de comportamentos, gostos, ações baseadas em preconceções exteriores ao sujeito. Assim, conforme salientou Bussinger e Arantes (2016, p. 11),

temos o estigma do portador de transtornos mentais como o louco agressivo e imprevisível; do negro como preguiçoso e sedento por sexo; do portador de vírus HIV, como potencial transmissor da AIDS – doença mortal; do presidiário sempre disposto a cometer novos crimes e muitos outros etiquetados e excluídos socialmente.

Em relação ao portador de doenças do campo mental, o estigma da loucura se apresenta como um dos principais entraves para sua vida em sociedade. No início dos anos 1960, Erving Goffman lançou a obra *Manicômios, prisões e conventos*, construída baseada em sua experiência e trabalho de campo em instituições hospitalares, em decorrência da pesquisa realizada como membro visitante do Laboratório de Estudos Sócio-Ambientais do Instituto Nacional de Saúde em Bethesda, Maryland (Estados Unidos). Goffman atuou no Laboratório de pesquisa entre os anos de 1954 e 1957 e, de 1955 a 1956, realizou um trabalho etnográfico no Hospital St. Elizabeths, em Washington, D.C.

As instituições totais, conforme salientado por Goffman, de certa forma, rompem com a dinâmica típica da sociedade, organizada em diversas esferas: em geral, o sujeito “tende a dormir, brincar e trabalhar em diferentes lugares, com diferentes co-participantes, sob diferentes autoridades e sem um plano racional geral”. (GOFFMAN, 1974, p. 17) Ao contrário desta dinâmica, nas instituições totais, essas etapas cotidianas ocorrem dentro do mesmo lugar, sob as mesmas regras, a mesma direção e todas as atividades realizadas em conjunto. Assim, o autor observou duas

instâncias essenciais: um pequeno grupo que coordena, controla e supervisiona e um grande grupo de controlados (internados).

A observação densa das transformações enfrentadas pelo internado dentro das instituições totais que são apontadas por Goffman são importantes para compreendermos algumas questões que transitam nas fronteiras da loucura, no que se entende por loucura e como a passagem por uma instituição total (manicômio) pode interferir em diversas instâncias da existência do sujeito. O afastamento do lar é o primeiro momento de modificação do eu. De acordo com Goffman (1974, p. 24),

O novato chega ao estabelecimento com uma concepção de si mesmo que se tornou possível por algumas disposições sociais estáveis no seu mundo doméstico. Ao entrar, é imediatamente despido do apoio dado por tais disposições. Na linguagem exata de algumas de nossas mais antigas instituições totais, começa uma série de rebaixamentos, degradações, humilhações e profanações do eu. O seu eu é sistematicamente, embora muitas vezes não intencionalmente, mortificado. Começa a passar por algumas mudanças radicais na sua carreira moral, uma carreira composta pelas progressivas mudanças que ocorrem nas crenças que tem a seu respeito e a respeito dos outros que são significativos para ele.

Estas “profanações do eu”, observadas por Goffman, podem ser constatadas nas inúmeras instituições psiquiátricas e a relação destas com os pacientes. No caso do Brasil, a reforma psiquiátrica ocorreu em 2001 e, portanto, recentemente. Assim, a estigmatização do “louco”, a exclusão e os preconceitos são parte latente do imaginário social.

Uma fonte importante para a compreensão da loucura, suas instituições e o lugar do louco são os escritos produzidos pelos internos. Muitas destas obras estão publicadas e retratam desde os “rebaixamentos do eu” até o encontro de si através da escrita, o elo tênue entre o mundo real e o delírio. Lima Barreto, em *Cemitério dos Vivos*, expôs seu olhar sobre a loucura durante suas internações no hospital psiquiátrico. Acometido pelo alcoolismo, ressentido por não integrar a Academia Brasileira de Letras e marginalizado, tinha no texto literário a forma de abrandar seus infortúnios. De dentro do hospício, argumentou:

Que dizer da loucura? Mergulhado no meio de quase duas dezenas de loucos, não se tem absolutamente uma impressão geral dela. Há, como em todas as manifestações da natureza, indivíduos, casos individuais, mas não há ou não se percebe entre eles uma relação de parentesco muito forte. Não há espécies, não há raças de loucos; há loucos só. (BARRETO, 2004, p. 43)

Alfredo Bosi (2007) destacou a lucidez contida nos escritos de Lima Barreto, a riqueza das narrativas e a minúcia na descrição dos sentimentos e formas de ver e ser o alienado. Segundo Bosi,

Lima Barreto conseguiu aliar medicina psiquiátrica positivista ao distanciamento do médico e, portanto, à não percepção do que realmente seria o alienado ou “anormais”. As críticas ácidas e, ao mesmo tempo com inigualável lucidez, são características marcantes no diário de Lima Barreto. Nas palavras de Bosi (2007, p. 15),

O texto fala por si na sua ácida clareza. Ao lado da arrogância clínica, marca registrada da auto-suficiência de boa parte dos psiquiatras do século XX, Lima aponta o desinteresse em face do drama individual, do fato em si ou, compalavra mais abrangente, da natureza. O doutor Roxo não chega perto do corpo e da alma do homem que sofre e que está diante dele; como alienista, só tem duas certezas, o manual que leu no curso médico e o manicômio no qual deposita todas as presunções da sua terapia.

Assim, o entrelaçamento entre loucura e escrita, tanto no diário de Lima Barreto, como nos diários escritos após os anos 1960, ilustram bem os múltiplos olhares em torno da loucura, até a chamada reforma psiquiátrica, datada da última década do século XX. Neste sentido, a seguir analisamos três escritoras, cujas suas incursões pelo manicômio traduziram-se em diários que agregam narrativas do eu e suas experiências.

Maura Lopes Cançado, Stela do Patrocínio e Albertina Borges da Rocha: loucura e escrita

Três mulheres diagnosticadas como esquizofrênicas que enfrentaram a internação num hospício em períodos que, por vezes, coincidiram e que tinham no texto um meio de se expressar: Maura Lopes Cançado, Stela do Patrocínio e Albertina Borges da Rocha. É improvável que tenham se conhecido, embora seu discurso apresente interessantes semelhanças.

Filha de um fazendeiro abastado, Maura Lopes Cançado nasceu em 1929, no interior de Minas Gerais. Escreveu dois livros: *Hospício é Deus – Diário I* (relato de sua internação no manicômio no Centro Psiquiátrico Nacional, no Rio de Janeiro, em 1959) e *Sofredor do ver*, um livro de contos. Esteve em diversas instituições psiquiátricas, até que, em 1974, foi interditada pela justiça após cometer um assassinato em uma delas.

Quando jovem, mudou-se sozinha para o Rio de Janeiro para realizar seu sonho de tornar-se escritora. Embora tenha iniciado uma carreira promissora como jornalista, no *Jornal do Brasil*, seus problemas mentais a impediram de prosseguir.

Recebeu alguns diagnósticos - esquizofrênica, personalidade psicopática epiloide e epilética – e sua primeira internação foi por vontade própria. Não conseguindo lidar com a loucura, pediu para ser internada. Faleceu em 1993, cega, sozinha e esquecida.

A trajetória inicial de Stela do Patrocínio foi um tanto diferente. Negra e empregada doméstica, aos 21 anos, em 1962, foi internada à força pela Polícia Civil quando caminhava pela

rua Voluntários da Pátria, em Botafogo, Rio de Janeiro. (ZACHARIAS, 2020) Diagnosticada como esquizofrênica, passou a vida no manicômio, até morrer em 1992.

Suas falas – às quais a poeta denominava de falatório – foram gravadas e, posteriormente à sua morte, selecionadas e publicadas como livro de poesia – *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome* - por Viviane Mosé. Segundo Anna Carolina Vicentini Zacharias (2020), a obra é o resultado da gravação em áudio de conversas de Stela com duas estagiárias da Colônia Juliano Moreira, um hospício no Rio de Janeiro, em dois momentos distintos.

Há pouca informação sobre Albertina Borges da Rocha além da disponível em seu livro *Meu convívio com a esquizofrenia – uma história real de descoberta e superação*. De acordo com a obra, Albertina nasceu em 1930. Em 1964, sofreu sua primeira crise e foi levada para o Instituto Philippe Pinel, um manicômio em Botafogo, no Rio de Janeiro, em camisa de força.

Também diagnosticada como esquizofrênica, passou por várias internações. A última foi em 1981. Em 2002, publicou a primeira versão de seu livro pelo Ministério da Saúde. A segunda, com a inclusão de outros trechos, foi lançada em 2012. Nela, narra fatos de sua vida, principalmente os que se relacionam à doença mental.

As narrativas de Maura, Stela e Albertina trazem implícita e explicitamente o sofrimento do tratamento psiquiátrico no Brasil, principalmente antes chamada Reforma psiquiátrica. Segundo o neurologista Domingo Sávio Alves (2021), com a promulgação da Lei no. 10.216, de 6 de abril de 2001, que dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais, teve início um processo – ainda lento – que “envolve a mudança na assistência de acordo com novos pressupostos técnicos e éticos”.

Assim, as três escritoras viveram a terapia com choque elétrico, o tratamento com medicamentos que dopam totalmente o paciente e os maus tratos. Estigmatizados como loucos, os pacientes eram considerados desimportantes, indesejáveis e excluídos.

Como afirma Viviane Mosé (2009, p. 27), a loucura é a “condição de impossibilidade do pensamento. Pensar implica na exclusão da loucura”. Nesse sentido, remetendo a Descartes, a filósofa considera que a segurança e a certeza vão estar sustentadas “na segurança e na certeza do sujeito que pensa”, o que acaba instaurando “uma cisão no interior do discurso, capaz de produzir, de um lado, o nascimento de um sujeito soberano, seguro de si, o sujeito de conhecimento, o *homo dialecticus*, e, de outro, o louco, como ausência, de subjetividade consciente, de razão”. Com isso, a fala do louco estaria sempre desacreditada, considerada sem sentido, delirante.

Se, por um lado, este estigma permanece – quando alguém age de maneira estranha ou diz coisas que parecem não fazer sentido, imediatamente é chamado de louco, maluco -, por outro, o discurso do “louco” é forma de ele se conectar com o mundo ou elaborar, de alguma maneira, seus

problemas.

Em relação às três escritoras aqui citadas, o discurso – escrito, no caso de Maura Lopes Cançado e de Albertina Borges da Rocha; e falado e transcrito, no caso de Stela do Patrocínio – tornou-se um meio de desabafo, revelação, reflexão e até denúncia.

Das três, Maura é quem traz um relato mais detalhado do dia a dia no hospício. Fala não apenas do que acontece consigo, mas também com outras pacientes que são vítimas de castigo: banhos frios, agressões físicas, camisa de força e confinamento no que ela chama de quarto-forte, um recinto abafado, imundo e cheio de baratas (CANÇADO, 2015, p. 124).

É a escrita que lhe permite sobreviver – “Escrevo sempre, isto me parece um ato fé, de esperança (...) ainda que tudo pareça perdido, minha fé em mim mesma permanece” (CANÇADO, 2015, p. 150) -, sobreviver para contar. Segundo a autora, o diário é o que existe de mais importante no hospício: “Meu diário é o que há de mais importante para mim. Levanto-me da cama para escrever a qualquer hora, escrevo páginas e páginas”. (CANÇADO, 2015, p. 152).

Escrever também permitiu à Albertina Borges da Rocha refletir sobre a sua doença. A iniciativa teve início quando ela iniciou a terapia em grupo:

Comecei a escrever meus depoimentos desde o primeiro contato com o grupo de análise. O hábito de anotar, no dia a dia, as coisas mais importantes que me aconteciam foi de muita valia ao escrever este livro
Foi nesses Cadernos que, pela primeira vez, pude elaborar os conteúdos confusos de minhas crises. (ROCHA, 2012, p. 50)

Nos cadernos, Albertina procura relatar as crises pelas quais passou e que resultaram em internações. Segundo a autora, nesses momentos, sua escrita era composta de uma espécie de hieróglifos, quase ininteligíveis, que ela buscava traduzir posteriormente, quando não estava mais internada ou não estava prostrada em função dos medicamentos: “Nos cadernos, dá para notar que, enquanto eu tomava os remédios todos, a escrita modificava e resultava no que eu chamo de hieróglifos”. A escritora afirma ainda: “(...) os remédios me tiram toda a ação”. (ROCHA, 2012, p. 76)

A medicalização excessiva parece ser uma estratégia comum de silenciamento dos pacientes: “Os médicos dão muitos remédios e as enfermeiras, para não terem trabalho, só ficam gritando: ‘vou dar choques... vou pôr amarras...’” (ROCHA, 2012, p. 75) Ao imobilizar de alguma forma o louco, sua voz é calada, seu corpo não reage.

A mesma estratégia é revelada por Stela do Patrocínio (2009, p. 45, 46) em suas poesias:

Eu vim do Pronto Socorro do Rio de Janeiro

Onde a alimentação era eletrochoque, injeção e remédio

(...)

O remédio que eu tomo me faz passar mal

E eu não gosto de tomar remédio pra ficar passando mal

Eu ando um pouquinho, cambaleio, fico cambaleando

Quase levo um tombo

E seu levo um tombo eu levanto

Ando mais um pouquinho, torno a cair

As gravações realizadas com Stela foram uma forma de fazer com que ela saísse do seu torpor, de seu silêncio. Excluída e marginalizada da sociedade de várias maneiras – por ser estigmatizada de louca, por ser negra, pobre e mulher –, seu falatório mostra, como os demais textos, o doente mental sem qualquer poder de decisão sobre o seu corpo, submetido à autoridade da instituição psiquiátrica e dos profissionais de saúde que lá atuam.

Para além das relações de poder e submissão descritas nos textos aqui analisados, é importante ressaltar como o discurso das três escritoras apresenta uma outra lógica... Uma lógica que durante muito tempo foi considerada delirante e, por isso, sem lógica. Segundo Zacharias (2020, p. 108), “Os anos 1980 eram o início de uma tentativa de desconstruir um certo imaginário sobre a loucura, como se dela tudo o que viesse fosse alucinação ou delírio e, portanto, dispensável”.

Assim, esse “delírio”, desconsiderado, ridicularizado e desprezado por muitos, assume uma lógica própria e reveladora. Trata-se de um discurso permeado por cores e imagens, como é possível perceber nas obras das três escritoras.

Em *O hospício é Deus*, Maura Lopes Cançado parece associar fortes sensações – de alegria ou desespero – a cores, e o hospício e a catatonia à ausência delas. Nesse sentido, Maura descreve o hospício como: “branco sem fim, onde nos arrancam o coração a cada instante, trazem-no de volta, e o recebemos: trêmulo, exangue – e sempre outro”. (CANÇADO, 2021, p. 26).

A autora parece ser dar conta da sua condição ao vestir o uniforme que recebe ao entrar no manicômio. Ela sente que rompeu com o passado e tudo deixou de existir, “a não ser uma pausa branca e muda”. (CANÇADO, 2021, p. 31). Quando se sente triste, solitária, também faz referência a imagens sem cores: “O desfalecimento das cores é uma evidência, constato mergulhada na neutralidade do cinza que me despersionaliza”. (CANÇADO, 2021, p. 77)

De acordo com Daniele Ribeiro Fortuna (2019, p. 26), “Maura afirma que costuma a pensar em cores e também em cores reconhecer as pessoas. As mulheres, por exemplo, a escritora as vê

sempre de amarelo (...), mas que se enxerga sempre neutra – talvez porque veja em si a evidência da loucura”.

Fortuna aponta ainda que Maura parecia confrontar imobilidade à angústia e, para tanto, da mesma forma, se referia a cores e imagens: “Quando se sente agitada, sua angústia a deixava desperta e disposta a falar. A angústia a agredia, forçando-a a agir de forma impulsiva, mas, contraditoriamente, havia um sentimento de alívio. (...) A angústia teria a cor vermelha do sangue. Embora a fizesse sofrer, também a tornava viva”. (FORTUNA, 2019, p. 21)

Assim como em *O hospício é Deus*, imagens estão presentes no livro de Albertina Borges da Rocha. Logo no prólogo, a autora firma: “Minha vida tem sido uma mistura de dois mundos – realidade e sonho – muito calcada numa intuição interior (...) São mergulhos profundos, avassaladores, nos quais imagens afloram, muitas vezes de forma incompreensível” (ROCHA, 2012, p. 19) E é por meio dessas imagens que Albertina busca uma conexão entre seu mundo interno e a realidade externa que a rodeia.

Uma das primeiras imagens do livro é a descrição de seu primeiro surto. Naquele momento, imaginou que um colega de seu filho era um enviado que salvaria o mundo e resolveu colocar uma Bíblia sobre sua cabeça, apertando-a contra o seu rosto até que seu nariz sangrasse. A partir daí, inúmeras cenas – reais ou imaginárias – são apresentadas na obra.

Interessante perceber que enquanto Maura compara vida a cores, Albertina associa o relógio à “sanidade” mental, pois ao entrar em crise, sentia-se perdida no tempo e no espaço: “O relógio era o perdido referencial do tempo e espaço reais. O tempo todo vendo coisas do passado e de um provável futuro, porém, sempre dentro de cenas de destruição que, no fundo, penso hoje, eram o estilhaçamento do próprio ego” (ROCHA, 2012, p. 57, 58)

Outra referência constantemente repetida diz respeito ao mito da caverna, narrado por Platão em sua obra *A República*. Trata-se de uma alegoria proposta pelo filósofo, segundo a qual um grupo de prisioneiros estão acorrentados no fundo de uma caverna, sem poderem se mover. Atrás desse grupo, existe uma fogueira, separada deles por uma parede baixa. Por detrás dessa parede, passam pessoas carregando objetos. Os prisioneiros veem as sombras desses objetos projetadas na parede em frente a eles. Também ouvem sons que vêm do exterior. Com isso, esses prisioneiros acreditam que tais sons são a fala dessas sombras e acreditam que estas se constituam na realidade.

Se um dos prisioneiros fosse libertado e forçado a olhar o fogo e os objetos que resultaram das sombras, uma luz talvez ferisse seus olhos, impedindo-o de enxergar satisfatoriamente. Se tal prisioneiro resolvesse ainda voltar à caverna e contar aos seus ex-companheiros o que ele viu e o que, de fato, é a “realidade”, eles chegariam à conclusão de que ter deixado a caverna lhe provocara danos.

Albertina revela que, em suas alucinações, revia toda a trajetória desse mito e que, constantemente, essa alegoria voltava à tona: “São repetições dos mesmos símbolos, como se isso significasse uma necessidade de voltar aos lugares anteriormente percorridos. É nesse eterno retorno que deve estar o grande enigma do doente mental” (ROCHA, 2012, p. 50).

Nesse sentido, a autora compara sua situação à dos prisioneiros. O medo do desconhecido paralisava os prisioneiros e estes acreditavam que, se um saísse e tornasse a voltar, não deveria revelar o que vira, pois sabia que não seria compreendido. Da mesma forma, se, a princípio, a escritora tinha medo que, ao refletir sobre suas alucinações, trazendo-as para o presente e para as discussões em terapia, isso desencadeasse um novo surto, posteriormente, percebeu que este enfrentamento era necessário para estabelecer a ponte entre o mundo interno e a realidade externa.

Albertina afirma: “Na minha caminhada sem rumo, eu via uma grande gruta que sabia ser a de Platão, pois o tempo todo eu sabia que, quando voltasse para a gruta, já não saberia dizer o que tinha visto e sentido”. (ROCHA, 2012, p. 63). Assim, a gruta seria o surto ao qual a escritora receava retornar, porém acreditava que o retorno era necessário para uma possível cura. Por isso, não só passa a escrever sobre a caverna, mas também procura moldá-la na argila.

No que diz respeito às poesias de Stela do Patrocínio, estas também trazem diferentes imagens, mas as principais se referem a descontrole (por parte da própria Stela) *versus* controle (da instituição sobre seu corpo). Trata-se de um corpo que se sente sem lugar e que é ininterruptamente controlado:

Eu estava com saúde
 Adoecei
 Eu não ia adoecer sozinha não
 Mas eu estava com saúde
 Estava com muita saúde
 Me adoeceram
 Me internaram no hospital
 E me deixaram internada
 E agora eu vivo no hospital como doente

O hospital parece uma casa
 O hospital é um hospital (PATROCÍNIO, 2009, p. 43)

Talvez por estar numa “casa” que não é sua, num corpo do qual não é dona e sobre o qual não tem domínio, ela se referia a um espaço no qual está, mas do qual não pode se apropriar ou dele fazer uso como deseja:

É dito: pelo chão você não pode ficar
 Porque lugar de cabeça é na cabeça
 Lugar de corpo é no corpo
 Pelas paredes você também não pode
 Pelas camas também você não vai poder ficar
 Pelo espaço vazio você também não vai poder ficar
 Porque lugar de cabeça é na cabeça
 Lugar de corpo é no corpo (PATROCÍNIO, 2009, p. 44)

E já que não tem corpo, pode assumir qualquer formato:

Antes era um macaco, à vontade
 Depois passei a ser um cavalo
 Depois passei a ser um cachorro
 Depois passei a ser uma serpente
 Depois passei a ser um jacaré (PATROCÍNIO, 2009, p. 106)

Assim, seu corpo pode ser mesmo qualquer coisa - ele não tem lugar no mundo e Stela não tem ingerência sobre ele. E isso acontece em função justamente desse controle ao qual constantemente se refere:

Eu sou seguida acompanhada imitada assemelhada
 Tomada conta fiscalizada examinada revistada
 Tem esses que são iguaizinhos a mim
 Tem esses que se vestem e se calçam igual a mim
 Mas que são diferentes da diferença entre nós
 É tudo bom e nada presta (PATROCÍNIO, 2009, p. 55)

Stela se vê controlada, mas percebe que seus companheiros estão na mesma situação, por isso diz:

Olha quantos estão comigo
 Estão sozinhos
 Estão fingindo que estão sozinhos
 Pra poder estar comigo (PATROCÍNIO, 2009, p. 57)

A poeta parece ter total consciência do que enfrenta. Sente que sua cabeça é “fodida”, ela própria se sente “fodida”, triste, “botando o mundo inteiro pra gozar e sem gozo nenhum”

(PATROCÍNIO, 2009, p. 117). Por isso, vai perdendo “o gosto o prazer o desejo a vontade o querer” (PATROCÍNIO, 2009, p. 113) e muitas de suas imagens passam a se referir ao vazio. Como não tem lugar no mundo e pode ser qualquer coisa, ela se transforma primeiro em gases, no vazio.

Eu era gases puro, ar, espaço vazio, tempo
 Eu era ar espaço vazio, tempo
 E gases puro, assim, ó, espaço vazio ó
 (...)

 Eu era espaço vazio puro (PATROCÍNIO, 2009, p. 74)

E depois torna-se Deus:

Eu não sou da casa, não sou da família
 Não sou do ar
 Do espaço vazio, do tempo, dos gases
 Não sou do tempo, não sou do tempo
 Não sou dos gases, não sou do ar
 Não sou do espaço vazio, não sou do tempo
 Não sou dos gases, não sou da casa
 Não sou da família, não sou dos bichos
 Não sou dos animais. Sou de Deus
 Um anjo bom que Deus fez
 Pra sua glória e seu serviço (PATROCÍNIO, 2009, p. 83)

Maura Lopes Cançado, Albertina Borges da Rocha e Stela do Patrocínio viveram histórias diferentes, mas o estigma da esquizofrenia as une em imagens que revelam uma grande lucidez. O que parece delírio e sem sentido é, na verdade, o discurso de quem viveu a loucura “por dentro”. Por dentro não apenas dos surtos e das crises, mas por dentro de instituições psiquiátricas desumanas, que consideravam o doente mental como um ser invisível que deveria simplesmente ser apartado da sociedade e da família, dopado e controlado de todas as maneiras possíveis.

Considerações finais

Este artigo apresentou uma discussão que conjugou perspectivas instigantes sobre as faces da loucura. Estas faces, inscritas nos textos de pessoas que vivenciaram, cada um a seu tempo histórico, os processos de estigmatização, dor e sofrimento que envolvem os chamados loucos, alienados ou anormais, nos remetem há duas questões: a primeira é a necessidade de retirar do convívio social àqueles cujo comportamento não se adequa aos contextos de sua época; o segundo é

o lugar de abjeção que as pessoas tidas como “loucas” são lançadas. A interseção entre loucura e literatura, impulsiona novas possibilidades de compreender como a medicina psiquiátrica, ao passo em que afirmava formas de observação, diagnóstico e tratamento, também ignorava o ser e as emoções, atrelado à pretensa incapacidade do alienado.

Assim, neste texto, salientamos, na primeira parte, *Sobre a loucura, os estigmas e as literaturas de dentro do hospício*, a historicidade em torno das formas interpretativas da loucura e do alienado. Direcionado pela leitura de Michel Foucault, de acordo com o período histórico, a loucura estaria atrelada ao pecado e à punição (Idade Média), especialmente advinda do campo religioso. Por outro lado, os comportamentos fora dos padrões e das expectativas de determinada sociedade, também alocaria o sujeito na condição de alienado e, portanto, impossibilitado de convívio social. Os asilos, antes do século XIX, seriam os locais mais prováveis de morada e permanência daqueles considerados loucos.

Somente no século XIX que a instituição hospital, especificamente o chamado manicômio, assumiria protagonismo em relação à população de alienados. O surgimento da psiquiatria, 1801, promoveu uma transformação na concepção do hospital na condição asilo, para a existência de um lugar de observação, tratamento e cura para diagnosticados com doença mental. Aqui cabe um destaque para a atuação de Philippe Pinel e o Tratado Médico-Filosófico sobre Alienação Mental ou a Mania. Embora muito respeitado, ainda no século XIX, a condição de alienado e as instituições manicomiais seguiram um caminho de aprisionamento e depósito dos considerados alienados. Somente nas últimas décadas do século XX, que a chamada reforma manicomial ocorreu e redimensionou a questão da loucura e a relação dos alienados com a sociedade. Um dos expoentes da luta pela reforma foi a médica Nise da Silveira.

Outra questão para a qual chamamos a atenção na primeira parte do artigo é a discussão sobre estigma, destacando o trabalho de Erving Goffman. Para este autor, mais do que pensar a cura, era necessário olhar para o que impedia o portador de doença mental de parte da sociedade deveria ser o foco. Neste ponto, o estigma retirava dos sujeitos alienados, suas possibilidades de vida no processo de interação cotidiana.

Destacamos, também, as literaturas, especificamente em forma de diários, nascidas de dentro das instituições psiquiátricas. Lima Barreto de fins do século XIX até os primeiros anos do século XX, ao narrar sua vivência dentro do hospício, apresentou lucidez e críticas fundamentais sobre o ser alienado.

Na segunda parte do artigo, *Maura Lopes Cançado, Stela do Patrocínio e Albertina Borges da Rocha: loucura e escrita*, procuramos evidenciar três literaturas produzidas de dentro de manicômios. Essas autoras, em momentos distintos e contextos diferenciados, carregaram os

estigmas de ser alienado. A esquizofrenia foi o diagnóstico atribuído a elas e, nos seus escritos, estão impressos dores, abandono, violências. Nas narrativas, é possível verificar os caminhos da medicalização da doença, da incompreensão e da dificuldade de retomar “a vida” em sociedade. Stela do Patrocínio, por exemplo, ficou por três décadas na Colônia Juliano Moreira, no Rio de Janeiro. Nas literaturas, observamos uma profunda lucidez nas escritas e, ao mesmo tempo, uma denúncia em relação ao tratamento e as formas de manter o paciente silenciado, através das medicações e do confinamento. Somente em 2001, com a reforma psiquiátrica, os procedimentos narrados pelas autoras foram retirados das instituições destinadas aos “loucos”.

Referência bibliográfica

ALVES, Domingos Sávio do Nascimento. *Reforma psiquiátrica*. Disponível em:

<http://www.ccs.saude.gov.br/memoria%20da%20loucura/mostra/reforma.html> Acesso em: 25 fev 2021.

BARRETO, Lima. O cemitério dos vivos: memória/ Lima Barreto. São Paulo: Editora Planeta do Brasil; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2004.

BOSI, A. O cemitério dos vivos. Testemunho e ficção. *Literatura e Sociedade*, [S. l.], v. 12, n. 10, p. 13-25, 2007. DOI: 10.11606/issn.2237-1184.v0i10p13-25. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ls/article/view/23606>. Acesso em: 19 jul. 2021.

BUSSINGUER, Elda Coelho; ARANTES, Maristela Lugon. O estigma da loucura como fator usurpador da dignidade humana: uma análise na perspectiva do direito à saúde. *Interfaces Científicas - Direito • Aracaju • V.4 • N.2 • p. 9 - 20 • Fev. 2016*. (Disponível em: <http://191.252.194.60:8080/bitstream/fdv/283/1/Interfaces%20Cientificas.pdf>)

CANÇADO, Maura. *Hospício é Deus – Diário I*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

CARRARA, Sérgio. *Crime e Loucura: o aparecimento manicômio judiciário na passagem do século*. – Rio de Janeiro: EdUSP, 1998.

FORTUNA, Daniele Ribeiro. Coração escuro como um segredo: o diário de Maura Lopes Cançado. In: SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira; FORTUNA, Daniele Ribeiro. *Narrativas do eu: gênero, emoções e produção de sentido*. Porto Alegre: Sulina, 2019.

FOUCAULT, Michel. *História da loucura na idade clássica*. Tradução de José Teixeira Coelho Netto. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 1978. 551p. (Estudos, 61).

GANGUILHEM, George. *O normal e o patológico*. – 4 ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

GOFFMAN, Erving. *Manicômios, Prisões e Conventos*. São Paulo, Ed. Perspectiva. 1974.

MOSÉ, Viviane. Stela do Patrocínio – Uma trajetória poética em uma instituição psiquiátrica. In:

SILVA, Renato da; FORTUNA, Daniele Ribeiro; OLIVEIRA, Rosane Cristina de. Loucura como doença, estigmatização e literatura: uma análise da produção intelectual em instituições psiquiátricas – Maura Lopes Cançado, Stela do Patrocínio e Albertina Borges da Rocha.

PATROCÍNIO, Stela do. *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2009.

PATROCÍNIO, Stela do. *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2009.

PINEL, Philippe. Tratado médico-filosófico sobre a alienação mental ou a mania (1801) – (extratos sobre a mania e sobre o tratamento moral). *Rev. Latinoam. Psicop. Fund.* Ano VII, n. 3, set/2004. P. 117-127. (disponível em: <https://www.readcube.com/articles/10.1590%2F1415-47142004003012>)

ROCHA, Albertina Borges da. *Meu convívio com a esquizofrenia: uma história real de descoberta e superação*. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2012.

ZACHARIAS, Anna Carolina Vincentini. *Stella do Patrocínio: Da internação involuntária à poesia brasileira*. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP: 2020.